



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



UTENSÍLIOS E FERRAMENTAS UTILIZADOS PELOS EMIGRANTES DA ITÁLIA NO SUL DO BRASIL

Memórias de um descendente de emigrante trentino



Um livro de
ROQUE GILBERTO ANNES TOMASINI



Este livro tem por base inicial as memórias de meu pai, Luis Tomasini, falecido em 30/06/1996.

Meu pai viveu intensamente sua vida. Desde a infância sua história foi marcada por um intenso relacionamento e integração com a família. Luis Tomasini começou cedo sua vida como trabalhador, exercendo as mais simples funções disponíveis na realidade econômica da época, até as atividades administrativas dentro das empresas da família e, posteriormente, em outras empresas.

Encerrando sua vida funcional, como aposentado, curtiu o que mais gostava de fazer: conviver com a família, seja em Passo Fundo ou em Ilópolis. Conversar com os parentes, comer um bom churrasco ou a boa comida italiana, acompanhada de uma caipira e um vinho, foram atividades constantes nesta fase de final de vida.

Leitor ávido de jornal e livros descobriu na atividade de relacionar memórias, fatos de sua vida, algo que lhe gratificava.

Na parte da publicação referente aos utensílios e ferramentas utilizados pelos emigrantes trentinos, procurou-se dar uma visão geral da vida destas pessoas, abrangendo a chegada às suas terras, suas construções, sua vida no dia a dia das casas, a luta do plantar, colher, industrializar, suas mobílias, saúde, veículos, lazer e, finalmente, a morte.

Como complemento final, se apresenta um rápido relato da viagem do autor à cidade de Canal San Bovo e ao distrito de Caoria, origem da família Tomasini.

Fiz a minha parte. Fica o desafio para aqueles da família com pendor para escrever histórias e estórias familiares.

Lembre-se: conversem com seus pais e registrem a história. Família sem história, preferencialmente escrita, não é família.

ROQUE GILBERTO ANNES TOMASINI

Utensílios e ferramentas utilizados pelos
emigrantes da Itália no Sul do Brasil.
Memórias de um descendente
de emigrante trentino.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2015

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3,0 Não Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:
creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para: Creative Commons, 444 - Castro Street, Suite 900 - Mountain View - Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 12 de setembro de 2015

Capa: Luís Tessaro e Ana Tomasini

Projeto Gráfico e Diagramação: Joy Conviteria e Comunicação

Impressão: Passografic

T655u Tomasini, Roque Gilberto Annes
Utensílios e ferramentas utilizados pelos emigrantes da Itália no Sul do Brasil [recurso eletrônico] : memórias de um descendente de emigrante Trentino / Roque Gilberto Annes Tomasini. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2016.

12 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-180-3

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Migração – Rio Grande do Sul – História.
2. Usos e costumes. 3. Imigrantes – Itália – História.
4. Família – Aspectos sociais. I. Título.

CDU: 325.14(450)

Prefácio

O lançamento do presente livro, que estou tendo a oportunidade de prefaciар, numa honrosa deferência do autor, Roque Tomasini, não poderia ocorrer num momento mais oportuno: quando se comemoram os 140 anos da imigração italiana no Brasil.

A obra constitui, sem dúvida, um verdadeiro legado às gerações futuras, que, examinando seu conteúdo, poderão dispor de valiosas informações a respeito do tema, fruto de pesquisa, do testemunho do próprio autor e, principalmente, dos escritos que registram as memórias de Luiz Tomasini, seu pai.

Roque Tomasini apresenta sua obra de forma inteligente, percorrendo desde o início do ciclo migratório até, praticamente, os dias atuais. Depoimentos, fotos de moradias, de ferramentas e de utensílios utilizados à época permeiam todo o trabalho, mostrando as adaptações dos costumes e dos valores trazidos da Itália, necessárias diante da nova realidade encontrada.

Em sua narrativa, elaborada com base nos registros feitos pelo pai, o autor resgata a saga do tataravô, Adamo Tomasini, que, junto com a esposa e filhos, deixou sua terra, onde conheciam suas incertezas - guerras, conflitos, pobreza -, vindos ao encontro do desconhecido, um novo mundo, sem qualquer infraestrutura nas áreas que iriam ocupar.

A família desse emigrante trentino, inspiradora e deflagradora desta obra, foi uma legítima representante dos “Senhores da Serra”, parafraseando o historiador Mario Maestri¹, quando se refere àqueles que, em busca de terras, aqui chegaram para ficar, fazer e criar.

Una buona lettura.

MiguelGuggiana
Escritor

¹MAESTRI, Mario. Os Senhores da Serra: a colonização italiana no Rio Grande do Sul. Passo Fundo: EdiUPF, 2005. 160 p.



Foto: arquivo pessoal Roque Tomasini, 1955

A história da família Tomasini, tem por base as memórias deixadas por escrito por Luis Tomasini (baseadas em conversas com seu avô, filho do emigrante Adamo Tomasini).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	08
POR QUE EMIGRAR?	09
RAZÕES DA EMIGRAÇÃO DA ITÁLIA	10
AS ORIGENS DO TIROL - DINASTIA HABSBURGO-TIROL	11
MEMÓRIAS DE LUIZ TOMASINI	13
HISTÓRIA DA FAMÍLIA TOMASINI EMIGRANTE DO TIROL TARENTINO	14
HISTÓRIA DOS EMIGRANTES BIAGGIO TOMASINI E DOROTHEA LOSS	17
O INÍCIO DA COLONIZAÇÃO - DERRUBADA DA MATA	17
AS CONSTRUÇÕES	18
MOINHOS COLONIAIS	21
ALIMENTAÇÃO	22
UTENSÍLIOS E FERRAMENTAS UTILIZADAS NAS CONSTRUÇÕES	23
UTENSÍLIOS E FERRAMENTAS UTILIZADOS NO DIA A DIA DAS CASAS	27
ELABORAÇÃO DE ALIMENTOS	35
UTENSÍLIOS PARA PREPARO, PLANTIO, CULTIVO E COLHEITA	40
MOBILIÁRIO	44
VEÍCULOS	45
SAÚDE	46
LAZER E CULTURA	47
RELIGIÃO	49
RETORNO ÀS ORIGENS	51
CANAL SAN BOVO - LOCALIDADE DE ONDE EMIGRARAM ADAMO E LUCIA TOMASINI	53
EDELWEISS	54

APRESENTAÇÃO



Quais minhas origens? Qual minha árvore genealógica? Por que saber o passado, se o que interessa à grande parte das pessoas é como sobreviver no futuro, cheio de incertezas? O que ganho em conhecer de onde vieram meus antepassados? Por que eles deixaram o continente europeu, onde seus ancestrais viveram por centenas de anos? Por que enfrentaram o desconhecido, com todas as incertezas de serem bem sucedidos na nova vida e com a certeza de que passariam muito trabalho?

Perguntas não faltam, pesquisas sobre o assunto também não. Então, o por que desta publicação? Mesmo nos tempos da facilidade de acessar informações via Internet, é necessário bastante tempo, conhecimento e paciência para encontrar, de forma sistematizada e de fácil acesso, um trabalho que responda, ainda que muito parcialmente, as centenas de perguntas sobre o assunto envolvendo as perguntas de onde vieram nossos antepassados e como fizeram para sobreviver e progredir.

Para a atual geração, que ainda se lembra de partes deste passado, esta publicação não deixa de ser um documento saudosista. Para a nova geração é uma oportunidade de conhecer e valorizar seus antepassados.

A publicação mostra, além das fotos de instrumentos e utensílios utilizados pelos emigrantes no sul do Brasil (desde a sua chegada até o final do século passado), as origens do Tirol e um pequeno histórico da família Tomasini, originária desta região. Também mostra mapas e fotos da região do Canal San Bovo, comuna da qual emigraram.

E como sugere o título, constam aqui grande parte dos instrumentos mais utilizados nas construções, na produção de alimentos, no dia a dia das casas, saúde, lazer e cultura, religião, e conclui com fotos do adeus dos familiares a um casal de falecidos.

Como a vida é um ciclo, a foto do "passaporto" de um dos tataranetos dos emigrantes Adamo e Lucia Tomasini, significa uma volta às origens, com a conquista da cidadania italiana.

Foto do Navio a Vapor PÓ, da armadora italiana NGI, ancorado no porto de Gênova, na Itália, em junho de 1901. O "Pó" foi um dos muitos navios que trouxeram os emigrantes italianos ao Brasil, no período de 1870 a 1920, na esperança de "fazer a América".



Foto: arquivo pessoal J. Cruzeta



Foto: acervo digital Larissa Altob

Emigrantes italianos preparando-se para embarcar rumo ao Brasil, no porto de Gênova, no início do século XX

POR QUE EMIGRAR?

MISÉRIA, FOME, SEMI-ESCRavidÃO AOS PROPRIETÁRIOS DE TERRA,
FALTA DE FUTURO PROMISSOR A PERSPECTIVA DE LIBERDADE
NO NOVO MUNDO, NA AMÉRICA

RAZÕES DA EMIGRAÇÃO DA ITÁLIA



s Italianos começam a chegar em 1875, fugindo da miséria, da "pelagra" (alimentação deficiente - com baixos teores de proteína animal). A propaganda espalhada pelos agentes da emigração falava em país da fatura. Num dos cartazes afixados no porto de

Gênova, o desenho sugere que a comida caía do céu. Nos folhetos, prometia-se transporte gratuito, hospedagem, assistência durante os primeiros tempos, Instrumentos de trabalho, sementes, assistência médica, instrução para as crianças e crédito para comprar um lote de terra. Enfim, do inferno ao paraíso.

Aliciar imigrantes para a América tornara-se um bom negócio na Europa, desde 1830. Consequência direta da revolução industrial, em todos os países havia numerosa população excedente no campo e nas cidades. De outro lado, havia um mercado para mão-de-obra barata se abrindo na América devido às crescentes restrições ao tráfico de escravos africanos. E havia uma estrutura escravista com mais de um século de experiência no transporte de cargas humanas, que estava ficando ociosa.

Recém-unificada e em transição acelerada do feudalismo para o capitalismo, com quase 30 milhões de habitantes, a Itália era o melhor desses mercados de mão-de-obra barata e abundante em 1870. Milhões de italianos tinham bons motivos para acreditar em qualquer coisa, até mesmo no paraíso terrestre. Eram camponeses despojados de suas terras, artesãos superados pelas máquinas, pobres e suas proles numerosas que se amontoavam nas cidades. Ameaçados pela fome, parecia não haver lugar para eles naquele mundo em transformação. "Para fazer fogo, tinham que secar esterco de gado... Para defender-se do frio, muitos dormiam juntos dos animais". As novas leis sobre a terra favoreciam os grandes proprietários e oneravam os camponeses, que

perdiam suas glebas. Nas cidades, os pequenos artesãos não tinham amparo. Em 1874, quando os primeiros colonos chegavam ao Rio Grande do Sul, mais de 350 mil italianos já haviam saído para outros países. Nos 25 anos seguintes, quase 4 milhões saíam da Itália, um milhão para o Brasil. O Rio Grande do Sul receberia 84 mil imigrantes italianos até o final do século.



Panfleto estimulando a imigração para o Brasil. Lê-se "Na América. Terras no Brasil para os italianos. Navios partindo toda a semana do porto de Gênova. Venham construir seus sonhos com a família. Um país de oportunidades. Clima tropical e abundância. Riquezas minerais. No Brasil vocês podem ter o seu castelo. O governo dá terras e ferramentas para todos".

AS ORIGENS DO TIROL

DINASTIA HABSBURGO-TIROL



urante a segunda metade de 1500, com Leopoldo V da Áustria, nasceu a dinastia dos Habsburgo-Tirol, que durou até 1665. O Imperador austríaco Maximiliano de Habsburgo foi coroado na Catedral de Trento (Duomo di Trento) e, em 1511 promulgou o famoso Landlibell, que organizava a proteção territorial tiroleza através de atiradores selecionados entre a nobreza, burguesia e camponeses - eram os Schützen (também Sizzeri ou Scizer), organização que se mantém viva e ativa até os dias atuais em todas as regiões do Tirol histórico.

Do fim do século XIV até 1918, com exceção do período napoleônico, a região tornou-se um dos principais domínios da Casa de Habsburgo (imperadores do Sacro-Império quase ininterruptamente da metade do século XV até 1806, depois imperadores da Áustria), os quais passaram a administrar em 1815 os territórios do Principado Episcopal de Trento (secularizado em 1801, por Napoleão Bonaparte) entre os confins administrativos do Condado do Tirol, tornado parte do Império Austríaco.

TIROL AO FINAL DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

No fim da Primeira Guerra Mundial, as tropas do Império Austro-Húngaro foram derrotadas na batalha de Vittorio Veneto, em 29 de outubro de 1918. Apesar do subsequente armistício firmado em 3 de novembro (que passaria a valer a partir do dia seguinte), o comando austríaco recuou imediatamente, o que permitiu que as tropas italianas capturassem 356 mil soldados austríacos (Kaiserjäger) e ocupasse o Tirol, incluída a parte setentrional (Tirol Meridional) formada pelas regiões Südtirol e Trentino (Welschtirol). Os territórios do Con-

dado de Tirol ao sul da vertente alpina foram anexados ao Reino de Itália e assim o Condado de Tirol termina sua existência com a ocupação italiana em 1918.

O Tratado de Saint-Germain-en-Laye estabeleceu que a parte meridional do Tirol seria cedida ao Reino de Itália, o que incluía não apenas a região italianófona do Tirol, chamada então Trentino, mas também a parte germanófona hoje administrativamente conhecida como Província autônoma de Bolzano (Südtirol) - à época apenas 3% da população era de língua italiana. A região do Trentino, o Tirol italiano, também adquiriu autonomia, para que as tradições tirolezas da área fossem protegidas, inclusive das minorias de língua alemã e ladina em seu território: Val de Mòcheni (Fersental), Luserna (Lusern), Val di Fassa (Val de Fascia).

Em 1919, com o Tratado de Saint-Germain-en-Laye, da conferência de Paris, que marcou o fim do Império Austro-Húngaro, o Condado de Tirol foi dividido entre Áustria e Itália, nas seguintes áreas:

- Tirol Setentrional (Nordtirol) com a capital Innsbruck.
- Tirol Oriental (Osttirol) com capital Lienz; Tirol Setentrional e Oriental são atualmente unidas no estado federal austríaco (Bundesland) do Tirol.
- Tirol Meridional (região denominada entre as duas guerras mundiais Veneza Tridentina, segundo o nome proposto em 1863 pelo linguista goriziano Graziadio Isaia Ascoli, depois denominada Trentino-Alto Ádige), compreendendo os atuais Alto Ádige/Südtirol e Trentino, com capitais Trento (em alemão Trient); a atual capital provincial da região, com Trento (Trient) e Bolzano (Bozen), respectivamente capitais do Trentino e do Alto Ádige-Südtirol, formalizada com o estatuto de autonomia de 1972.

Fonte: Wikipedia

O Norte do Tirol (Nordtirol e Ostirol) passou a fazer parte da Áustria e o Sul do Tirol (Südtirol-Alto Adige e Trentino) passou a fazer parte do Norte da Itália

Localização do Tirol na Itália, representado pela área mais escura



Alpes Dolomitas



Comuna de Canal San Bovo



Foto: Photo Moderna - A. Czamanski

Luiz Tomasini e sua esposa Lahir Tomasini, em 1942

MEMÓRIAS DE LUIZ TOMASINI

OS TEXTOS A SEGUIR FORAM EXTRAIDOS DE DOCUMENTOS ESCRITOS POR LUIZ TOMASINI, BISNETO DO EMIGRANTE ADAMO TOMASINI; SÃO BASEADOS EM CONVERSAS COM SEU AVÔ BIAGGIO TOMASINI, FILHO DO EMIGRANTE ADAMO; O EMIGRANTE BIAGGIO DESEMBARCOU EM PORTO ALEGRE COM 27 ANOS, JUNTAMENTE COM SEUS PAIS, ADAMO E LUCIA, EM 04/09/1876.

HISTÓRIA DA FAMÍLIA TOMASINI

EMIGRANTE DO TIROL TARENTINO (SÜD TIROL-ALTO ADIGE)



Adamo Tomasini e Lucia Tomasini, troncos das famílias, nascidos no Tirol, ele no ano de 1805, chegou aqui com 71 anos, e ela no ano de 1819, com 57 anos.

O casal Adamo e Lucia com seus quatro filhos, nascidos na Itália, receberam o lote nº 47, da Lé-gua 29 e Travessão São João, com uma área de 4 colô-nias, segundo dados constantes no Livro do Arquivo Histórico das Imigrações, folha 44, em Porto Alegre.

Essas terras e recursos, como se imaginava não fo-ram doados ou de mão-beijada. Foram pagas até o últi-mo centavo ou "mil reis" da época, conforme consta em um documento histórico

ATERRA COLÔNIA CONDE D'EU (ATUAL GARIBALDI)

Livro nº749, de contas correntes, página 20. O colo-no "Biassi Thomasino" chegado à esta colônia em outu-bro de 1876 e estabelecido no lote nº23 da Linha Estrada Geral 2ª Secção, fica debitado para com a Fazenda Na-cional:

- Adiantamentos e subsídios em dinheiro e alimenta-ção: 150\$000
- Ferramentas: 11\$300
- Valor do lote, conforme título provisório que lhe foi entregue nesta data com 87.283 braças quadradas: 216\$849
- Pelos 20% do artigo 6º do regulamento de 19/01/1867: 52\$369
- Total: 475\$518
- No documento consta o lote nº23. Presume-se um des-dobramento posterior do nº47 para cada membro da fa-mília.

GENEALOGIA DO CASAL EMIGRANTE ADAMO TOMASINI E LUCIASPERANDIO

Emigraram com quatro filhos: Biaggio, Cesare, Lucia e Domênica. Biaggio teve 10 filhos, entre estes João Toma-sini, que por sua vez teve 13 filhos, sendo Luiz Toma-sini um destes. Luiz teve dois filhos, Roque (Luís Fer-nando, Sérgio Luiz, Ana Cláudia e Marco Antonio) e Sér-gio (Sérgio Junior e Luciano). Os descendentes de Biaggio concentraram-se na região de Caxias do Sul/RS, e os de Cesare na de Gramado/RS.



João Tomasini e parte da família



João Tomasini aos 26 anos



Margarida Perizolo Tomasini aos 17 anos



A foto das bodas de ouro do avô João Tomasini e sua esposa Margarida, com as 7 filhas e 4 filhos, em 10/11/1956. Uma família típica italiana, com elevado número de filhos.

HISTÓRIA DOS EMIGRANTES BIAGGIO TOMASINI E DOROTHEA LOSS



Quando vivia no Tirol, na época território da Áustria (atualmente região denominada SüdTirol - Alto Adige), teve de prestar serviço militar na arma da cavalaria. Sua missão era lavar cavalos o dia todo e entregá-los aos oficiais austríacos. Não teria licença, com certeza, de deixar o Exército para emigrar. Nas proximidades do quartel havia um hospital onde trabalhava a enfermeira Dorothea Loss, sua namorada.



Dorothea Loss



Biaggio Tomasini

FUGA PARA O BRASIL

Desabafando, nos dizia que, ao fim do dia "fedia" mais que os próprios cavalos. Episódios como este e muitos outros, eram seguidamente contados pelo avô Biaggio, com riqueza de detalhes, sempre quando reunidos na casa do tio Biaggio (um dos 10 filhos de Biaggio e Dorothea), onde residia.

Por este motivo, aproveitando a oportunidade de emigrar com seus familiares, tomou uma resolução, previamente combinada com sua namorada: ele desertar e ela abandonar o hospital. Assim foi feito para conseguir acompanhar a leva de emigrantes.

Um dia antes da saída do navio, com seus familiares, fugiu e se escondeu num galpão embaixo do estoque de pasto seco. Pela manhã embarcou com sua família e sua namorada Dorothea Loss.

Após longa viagem de navio, assim que chegaram ao Brasil, contraíram matrimônio. Ambos faleceram em Ilópolis, Rio Grande do Sul. Biaggio em 02/09/1931 (83) e Dorothea em 27/04/1930 (75).

DOROTHEA LOSS - UMA MÉDICA SEM DIPLOMA

Ela, na Áustria (Tirol), era enfermeira padrão e a única alfabetizada no grupo Adamo. Com isto, aqui no Rio Grande do Sul onde se estabeleceram, era a que mandava e orientava a família. Era conhecida e respeitada como parteira, consertadora de ossos, enfim uma médica sem diploma.



Foto: verificar fonte

*Derrubada da mata para implantação de lavoura,
por volta de 1900, onde atualmente é o município de Ilópolis/RS*

O INÍCIO DA COLONIZAÇÃO

DERRUBADA DA MATA

CHEGANDO NA ÁREA DE TERRA COMPRADA, UMA SURPRESA.
QUE TERRA? ERA SÓ MATA. SOLUÇÃO: DERRUBAR E QUEIMAR,
ABRIR ESPAÇO PARA A CASA, GALPÃO, ESTÁBULO...

AS CONSTRUÇÕES



família Adamo, de posse de suas terras, providenciou a construção da moradia. Como havia muitos pinheiros, derrubaram os de grossura até 70 cm e cortados no comprimento de 3 metros para serem lascados com o auxílio de machado e cunhas de madeira dura e batidas com um marreta de roliço. Lascadas as tábuas com grossuras variáveis, eram após falquejadas com o machado. Como não havia pregos, valeiram-se de um trado, furando tábuas e barrotes, também falquejados. Contrapesavam com cavilhas de madeira dura aos barrotes. O telhado foi feito com as sobras do pinheiro lascado, também cavilhado. Com a ca-

sa pronta, chão batido e rústicamente mobiliada, providenciaram a derrubada do mato para formar a pequena lavoura.

Com o passar do tempo, puderam construir nova e mais ampla moradia com madeira serrada entre dois operadores, utilizando uma serra larga e com 2 metros de comprimento. A tora montada sobre um andaime com um operador na parte superior, orientador do fio e outro na parte de baixo puxando a serra.

Superada a fase de serrar tábuas manualmente, foram introduzidas as "modernas" serrarias, movidas com a força do locomóvel que queimava madeira.

Foto: acervo Museu Histórico Padre Carlos Weiss - UEL



Serraria da firma Biasi & Cia, em 1912, na localidade que hoje é o município de Ilópolis/RS. Todos com as melhores roupas para a foto histórica, numa época em que tirar uma foto era um acontecimento raro

Posteriormente, como consequência das tábuas originárias das serrarias, as casas foram construídas com tábuas de 5-6 metros, na vertical, conforme mostram as fotos abaixo. Aqui, podem se observar diferentes modelos de casas com estas características no município de Casca/RS.



Réplica de casa colonial na Festa da Uva, em Caxias do Sul/RS





A capela San Pietro, com seu campanário em pedra tem mais de 110 anos - Montauri/RS, 2013



Casa de João Tomasini, neto de Adamo Tomasini, no município de Ilópolis/RS. A base era de pedra, com amplo porão para as pipas de vinho, com paredes triplas para minimizar o frio do inverno (1960).

MOINHOS COLONIAIS



Com o crescente aumento da população e das produções de milho e de trigo, passaram a ser criados "modernos" moinhos coloniais.

Em Ilópolis, Rio Grande do Sul, surge em 1930, o moinho Tomasini e Baú, de uma sociedade entre os irmãos José e Biaggio Tomasini, e Pedro e Antonio Baú. O maquinário a vapor, alimentado por lenha foi montado por técnicos alemães.

Após ter passado por vários proprietários, em 1982, João Ernesto Colognese, assume integralmente a propriedade.

Em 2005 inicia-se a restauração, com recursos da Fundação Nestlé, das antigas instalações do Moinho Colognese e a construção do conjunto Museu do Pão e Oficina de Panificação.

Há outras construções localizadas na região Alta do Vale do Taquari, constituindo a Rota Caminho dos Moinhos, como os moinhos Vicenzi de Anta Gorda, Moinho Marca de Putinga, e os Moinhos Fachinetti e Castaman de Arvorezinha, estes ainda em fase de restauração.



À esquerda, o moinho Colognese, restaurado em 2007. Acima, o maquinário original do moinho

A ALIMENTAÇÃO



lavoura no primeiro ano pouco produziu. Para se alimentar, além da pouca provisão, valeram-se da farta caça, principalmente de pacas, macucos, nambus e pombas, além do pinhão, abundante nas florestas intocadas de Araucárias.

No segundo ano, com a melhoria das instalações, a lavoura foi ampliada, com plantio de milho, trigo, abóboras e hortaliças. A produção era muito boa, mas havia muitos "sócios" - pacas, guaraxains e macacos - causando elevados danos. Em compensação, muitos, de carne saborosa, entraram nas panelas. A caça era feita com armadilhas e alçapões.

Muito provavelmente a produção de grãos, como milho e trigo, foram feitas com sementes trazidas pelos emigrantes, junto com sua bagagem. Nem todas devem ter se adaptado numa região com clima e solo, diferente das regiões da Itália.

A polenta, base da alimentação no Velho Mundo, continuou, inicialmente, a base da alimentação no novo mundo.



Foto: Blog de Pedro Martincelli



Luiz Tomasini, bisneto do emigrante Adamo Tomasini, após uma bem-sucedida caçada de perdigões em Carazinho/RS, comum na época e hoje em fase de extinção.

O pinhão era alimento abundante encontrado na florestas de Araucárias da região sul.

UTENSÍLIOS E FERRAMENTAS UTILIZADAS NAS CONSTRUÇÕES

Certamente, muito pouco dos utensílios e ferramentas utilizadas pelos emigrantes em sua terra natal puderam ser trazidos nos superlotados navios.

Não deu para trazer? Solução? Fazer cópia com os materiais locais e improvisar/ inventar o que a necessidade indicasse como imprescindível à nova vida. Significava a necessidade de aperfeiçoar, criar novos instrumentos que satisfizessem a

crescente necessidade de novas construções.

Os registros contidos neste livro mostram os instrumentos, em que a criatividade de marceneiros e ferreiros utilizou para acelerar e aperfeiçoar as casas e pequenas instalações industriais. Muitos destes instrumentos, hoje fabricados com novos materiais, na essência são uma adaptação moderna dos utilizados pelos nossos bisavós.

SERROTES

Os serrotes foram fundamentais para as atividades, desde o serrote traçador usado para fazer toras de madeira no mato, até os utilizados nas atividades de carpintaria



PLAINAS

Para dar acabamento nas tábuas eram utilizadas plainas de um a três dentes para deixar um friso nas janelas e uma plaina para nivelar as madeiras.



ESQUADROS E COMPASSOS

Para conseguir ângulos nas peças de madeira eram utilizados esquadros de madeira. Os objetos com circunferência eram desenhados com compassos de madeira, para pequenos e grandes círculos.



ALAMBRADOR E TRADO

O alambrador de ferro tinha regulagens para várias espessuras de arame para esticar o arame. O trado era utilizado para furar a madeira e colocar pinos de madeira, que substituíam os pregos.

ENXÓS E RASPADORES

Nos acabamentos para tábuas e gamelas eram utilizados instrumentos para raspar a madeira. Para tirar a gordura do couro do porco, eram utilizados raspadores.



**MACHADINHA (MANARIM) E
MARCADORES/CORTADORES (ZIGNAROL)**

Sem o machado teria sido quase impossível realizar as tarefas essenciais desde derrubada de árvores, até o corte de lenha. A machadinha complementava o trabalho pesado do machado.

Na fabricação de pequenas pipas, eram utilizados instrumentos como o zignarol para marcar e posteriormente cortar a madeira para encaixar a tampa da pipa.



UTENSÍLIOS E FERRAMENTAS UTILIZADOS NO DIA A DIA DAS CASAS

Novas terras num novo mundo. Novos desafios na dura tarefa de sobreviver no dia a dia da nova vida. Aproveitar o muito pouco que pode ser trazido da velha terra trentina.

Sem dinheiro para comprar utensílios e ferramentas no Brasil e tendo recebido, quando receberam, muito pouco do governo brasileiro, o jeito

foi lembrar de como eram feitos os utensílios e ferramentas na terra de origem e construí-las aqui, com os materiais disponíveis, com ferro e madeira. Esta necessidade foi o embrião das pequenas indústrias na região da colônia.

Muitos destes utensílios estão expostos no Museu Boa Esperança, em Colorado/RS e no Centro Cultural ítalo-Brasileiro Anita Garibaldi, em Passo Fundo/RS.

FOGÕES

O fogolare era o fogão construído com tijolos e barro para cozinhar. Na foto da direita, há uma réplica de um utensílio de ferro para "brustolar" fatias de polenta. Na outra foto, observa-se a panela "polentera" suspensa sobre o fogo.



Foto: Wikipédia



PEGADOR DE BRASAS

Para pegar as brasas era utilizado um instrumento de ferro com uma mola.

PRATO

A louça, já numa fase mais "moderna" era de porcelana, frágil.



Foto: Comune di San Giorgio della Richinvelda



SCALDALETTO

As brasas eram colocadas no "scaldaletto", que era esfregado nos lençóis para aquecer a cama.

BULE E JARRA

O bule de café era esmaltado e repleto de desenhos. Já as jarras esmaltadas com detalhes em cores não eram muito comuns.



PANELA E CHALEIRA

Dois dos principais itens da cozinha, um utilizado no preparo dos mais diversos tipos de alimento, e outro para aquecer a água para diferentes finalidades, a panela e a chaleira eram feitas, invariavelmente, de ferro.



DECORAÇÃO

"O asseio da cozinha alegre o coração", dizer bordado a mão em panos que ficavam nas paredes da cozinha.



ESPREDADOR DE FRUTAS

O "moderno" espremedor de frutas era feito de vidro.



MOBILIÁRIO

O paneleiro, a cristaleira e a bacia para lavar o rosto - com a jarra de água na parte inferior -, eram parte obrigatória do mobiliário.

FILTROS E TALHAS CERÂMICAS
Apesar das fontes de água cristalina existentes na época, com o tempo foram adotados filtros já dominando a técnica da cerâmica. As talhas de cerâmica serviam para guardar a água da fonte ou poço.



LUSTRADOR DE PISO
Mesmo nas casas com soalho rústico de madeira, buscava-se uma boa aparência e para lustrar o piso era utilizado um pesado ferro com escovas na base.

FERRO DE PASSAR
Para passar a roupa utilizavam-se pesados ferros, aquecidos em cima do fogão, ou cheio de brasa.



Foto: Miguel Gugliana



MÁQUINA DE COSTURA
Grande maioria da roupa era feita em casa com tecidos comprados em grandes rolos e a máquina de costura manual era imprescindível.

PINICO OU OURINOL

As necessidades higiênicas noturnas, dentro de casa, eram realizadas no "ourinol" (pinico) esmaltado. Os mais luxuosos eram de porcelana, com tampa.



PATENTE

Fora da casa era utilizada a "casinha" ou patente. O sabugo de milho era o papel higiênico da época.

CHUVEIRO DE LATÃO

Para o banho se utilizava um recipiente de latão no qual se adicionava água quente, e manualmente se liberava a quantidade de água.



Foto: Blog Conversando com Mirreia



PEGADOR DE MOSCA

Para controlar as moscas, comuns nas casas em que a estrebaria e o chiqueiro eram muito próximos, utilizava-se um pegador de mosca.

LAMPIÕES, LAMPARINA E CASTIÇAL
Para iluminar as casas e galpões, utilizavam-se os lampiões e lamparinas a querosene e os castiçais com velas de parafina .



FEIRAL E CANDIEIRO (CIARETO)
Na iluminação dos caminhos havia desde o feral, com uma vela no interior, como com o candieiro que queimava óleo.



BALANÇA COLONIAL

A balança representa a evolução da produção e do comércio. A mais utilizada na "colônia" era a da foto à direita, até hoje fabricada e utilizada.



BALANÇA DE PRATO

No comércio a balança que ficava em cima do balcão era mais comum.



BALANÇA PARA GRANDES PESOS

No comércio, a balança com plataforma para grandes mercadorias, ainda pode ser encontrada em alguns armazéns.



BALANÇA DE MOLA

A balança portátil, com mecanismo de mola, era mais rara.



MALHO DE MADEIRA (MAZZA)
O malho de madeira era utilizado para bater em cunhas de madeira (ferro) para lascas toras de madeira.

FORMAS PARA SAPATOS
Os calçados eram fabricados a partir de formas de madeira.



SACA-BOTAS E PÉ-DE-MOLEQUE
Para tirar as botas utilizava-se de um artefato denominado "saca-botas". Os sapateiros utilizavam o pé-de-moleque para pregar a sola de couro.

Foto: wp.clickrbs.com.br

ELABORAÇÃO DE ALIMENTOS



e produzir alimento, foi ficando mais fácil, após a fase pioneira de construir a moradia e dominar a arte de plantar, colher e de criar animais, surgiu um novo e bom problema. O que fazer com o excedente de alimentos? Como conservar grãos, líquidos como vinho e o vinagre, carnes e gordura animal, sementes?

Mais uma vez a criatividade dos "colonos" superou esta fase e estabeleceram as bases para a diversificação

industrial que hoje caracteriza as antigas "colônias".

Com a nova realidade de ser um proprietário, com o poder de decidir o que, quando e o que plantar o "colono" passou da posição de um trabalhador rural, sem nenhuma perspectiva de progresso, para uma posição de ter o que vender e decidir para quem vender. Enfim, liberdade, esperança de progresso, com sacrifício, mas vislumbrando um futuro melhor para sua família.

PRENSA PARA BANHA E LATA PARA GUARDAR CARNES COZIDAS NA BANHA

Para produzir banha suína era utilizado, após derreter a gordura, uma prensa para retirar o máximo possível de banha e produzir o torresmo. Para guardá-la eram utilizadas latas cheias de banha ou, em alguns casos, tulhas nas quais as carnes cozidas eram inseridas para ficarem livres dos problemas das moscas e conservá-las através da ausência de contato com o oxigênio.



Foto: chicaonline.blogspot.com



TARRO DE LEITE

O leite, transportado em tarros de metal, deveria ser imediatamente consumido ou processado para elaboração de queijo ou manteiga.



GAMELA PARA FAZER QUEIJO

A "gamela" de madeira, para coalhar o leite, era amplamente utilizada.

PIPAS

Os líquidos, como o vinho, vinagre e a cachaça, eram, como ainda continua na área da colônia, depositados em pipas artesanais.



GARRAFÃO DE VINHO - 1942

O garrafão de vinho colonial, forrado com vime e, mais tarde complementado pelos garrafões utilizados pela nascente indústria vinícola, foram essenciais para a comercialização deste produto e a geração de renda na "colônia".

PARTES DE APARELHAGEM PARA FABRICAR GASOSA

Pequenas indústrias de refrigerantes, conhecidos como "gasosões", satisfaziam a demanda das pequenas cidades, distantes dos grandes centros produtores. A foto ao lado mostra partes da aparelhagem do produtor de gasosa, Urbano Schmitz, no município de Ernestina/RS.



PILÃO DE MADEIRA E MÃO DE PILÃO

Na produção de erva-mate, podia-se utilizar o pilão de madeira, socando-a com a "mão de pilão".



Fotos: Luis Denardi - Ilópolis/RS



"OURIÇO" PARA MOER ERVA-MATE

Como numa escala já industrial com o auxílio do "ouriço" de madeira que era tracionado por uma mula.

PILÃO DE PEDRA

Embora raros, também eram utilizados pilões escavados na pedra de basalto.



**DEBULHADOR MANUAL
DE MILHO E MOEDOR**

*A força manual era utilizada,
com maquinário fixado numa
tábua, para debulhar o milho,
e para fazer "quirera".*



DEBULHADOR DE MILHO MARUMBY

*O debulhador Marumby permitia
um maior rendimento do trabalho
de debulha.*



LATA DE COLORAU

*Para dar cor e sabor na comida era
utilizado o "colorau", constituído de
pó de pimentões secos e moídos.
O da foto acima era embalado no
Rio de Janeiro, provavelmente importado.*

FORNO À LENHA

*O forno de tijolos e barro
era utilizado em todas as casas.*





REGISTRO DE MARCA DE GADO
Para identificar o proprietário do gado, era utilizada uma marca que era gravada a fogo no couro. O desenho da marca do gado, datado de 10 de junho de 1905, foi registrada na Secretaria Municipal da Intendência de Passo Fundo, pertencia a José Lopes Annes.

FERRO PARA MARCAR GADO
O ferro de marcar, com o desenho do registro é original da época.



CASTRADOR DE OVELHA
No processo de castração de ovelhas era utilizado o método de extrair os testículos com a faca ou com malhos de madeira, um apoiando os testículos e o outro batendo e esmagando o cordão deferente.

UTENSÍLIOS PARA PREPARO, PLANTIO, CULTIVO E COLHEITA



fartura de madeira de elevado grau de dureza, as chamadas “madeiras de lei”, unida aos artesãos da nascente indústria nos pequenos vilarejos, permitiram agregar a enxada, pá, picareta, novos instrumentos

que aliados a força animal dos bois e cavalos, multiplicaram a força dos colonos. Consequência, maior área de plantio e mais fartura de comida, mais comércio, mais progresso.



**LAVRANDO A BOI COM
ARADO PULA TOCO - MONTAURI/RS**
Além do trabalho braçal, os "colonos" tinham na força da junta de bois um imprescindível instrumento para aumentar a área de trabalho.

**A VELHA CARROÇA APOIANDO
A MODERNIDADE DO TRATOR - MONTAURI/RS**
A carroça foi até poucos anos, o principal meio de transporte de cargas na propriedade rural.



ARADO AIVECA REVERSÍVEL
O arado "pula toco", juntamente com a enxada, foram os principais instrumentos para o preparo e cultivo das diferentes culturas.

FOICE (RONCON)

A foice era importante na tarefa de limpar caminhos e as áreas para plantio.



MATRACA

No plantio a matraca era a principal ferramenta para o plantio de milho.



ARADO IMPORTADO DA ALEMANHA

Arados mais "modernos" foram importados da Europa, como este fabricado em Leipzig, Alemanha.

FOICINHA (SEZOLA) E FOICE

A colheita era feita manualmente, arrancando as plantas ou cortando-as com foices, como as das foto.





FUMIGADOR E FUMIGADOR COM VENTILAÇÃO FORÇADA E DE GRANDE CAPACIDADE
A formiga cortadeira, saúva, era combatida com a injeção de fumaça tóxica nos "olheiros" do formigueiro. Para matá-las era queimado "arsênico" (produto altamente tóxico) no recipiente de ferro e injetado no formigueiro pela ação do fole ou da ventoinha.

MANGUAL E VENTOLÃO

Na separação dos grãos o método mais rudimentar era o de malhar com o "mangual" a palha com os grãos e separa-los com o auxílio do vento.



Foto: Miguel Cuggiana



GADANHO E GARFO PARA MOVER PALHA
No corte de pasto para o feno, principalmente o que era armazenado para o inverno, era utilizado o "gadanho" e a palha era revolvida para secar com o "garfo".



Foto: Museu Municipal de Caxias do Sul - G. Geremia

APOSENTADORIA DE VELHA TRILHADEIRA

Atualmente estas máquinas praticamente desapareceram, estando paradas em galpões ou apodrecendo nas capoeiras, como a da foto, de propriedade de João Moreschi, Vila Maria/RS, fabricada em Caxias do Sul/RS, entregue a uma justa aposentadoria.

Logo abaixo, detalhe da marca EDA.

TRILHADEIRAS

As trilhadeiras estacionárias, rebocadas por cavalos ou por bois, representaram uma evolução na atividade de debulha, o que, diante da escassez de mão de obra, permitiu aumentar a área de cultivo. Junto a esta máquina que está completa, observa-se, à esquerda, um arado e a matraca, utilizada para plantio de milho. Na foto logo abaixo, rebocada com cavalos, observa-se uma mulher da família na ação da debulha.



MOBILIÁRIO

Basicamente o mobiliário era feito pela própria família, aproveitando as madeiras locais e as mesmas ferramentas para a construção das casas e galpões.

ANDADOR - MUSEU DO MICHELON HOTEL BENTO GONÇALVES/RS

Exemplo de criatividade é o andador da foto, em que a criança somente se podia mover para a frente ou para trás.

Os colchões eram, na sua maioria, de palha de milho e os travesseiros de penas de aves, assim como os acolchoados.



CLASSE DE AULA

Classes de aula, já mais "modernas" eram como a da foto ao lado.



PENTEADEIRA RESTAURADA

A penteadeira da foto, com aproximadamente 100 anos, tem o espelho móvel e mármore de Carrara, e foi restaurada como móvel de família.

VEÍCULOS

Com o crescimento da atividade agrícola, do aumento da população rural, da abertura de novas trilhas de conexão entre os povoados, foi natural o uso de carroças para trabalho e deslocamento da família. A charrete significou a maior riqueza que começou a circular no meio rural, permitindo maior velocidade de para vencer distâncias e conforto.

CARROÇAS

As carroças puxadas por junta de bois ou cavalos eram de vários tamanhos. Algumas eram especialmente projetadas para carregar toras do mato até a serraria.



CANGA DE BOI

A cangalha era colocada no pescoço dos bois que puxavam a carroça.



CHARRETE

A charrete representava o meio rápido de locomoção.



CANGALHA PARA CAVALO/MULA

Para pequenas cargas em lombo de cavalos ou de mulas era utilizada uma cangalha de madeira.

SAÚDE

Mesmo na terra de origem trentina, a saúde dos habitantes da área rural, principalmente para os mais pobres, era baseada no conhecimento empírico da ação de ervas medicinais.

Nas colônias do Rio Grande do Sul, na ausência das ervas do país de origem, os colonos viram-se forçados a fazer descobertas das ervas locais.



ARNICA - PLUCHEA SAGITTALIS

A infusão das folhas de arnica era amplamente utilizada como anti-inflamatório, cicatrizante e para curativos gerais.

ÓLEO DE RÍCINO

O óleo de rícino, basicamente um laxante, também era utilizado por outros benefícios terapêuticos e medicinais.



LAZER E CULTURA



que fazer nos finais de semana a tarde e a noite? Ler algum livro?

O passatempo mais comum era a reunião nas capelas e filó nas casas dos vizinhos, que consistia em conversar, jogar carta, trabalhos artesanais, comer, enfim, conviver.

No sul do Brasil, a abundância de aves encontradas na região e a necessidade de buscar ainda na natureza os primeiros alimentos, levou os colonizadores a caça-

rem os pássaros para fazer a "passarinhada" com polenta. Por que isto? Porque na Itália, onde a fome era constante, muito poucos dos pequenos agricultores tinham acesso a fontes de proteína animal originária de bovinos, suínos ou aves, por serem pobres e pelo alto custo destas carnes. Restava a caça aos passarinhos.

Este gosto particular, já no Brasil, também se justificava como forma de proteção à lavoura, devorada por bandos de aves que deveriam ser exterminadas.



Foto: www.leilaodobixiga.com.br

ROCA DE FIAR

As roupas eram basicamente feitas em casa e era comum o uso da roca para tecer fios.

MOSTRUÁRIO DE FOTOS

Alguns fotógrafos que andavam pela área das colônias de casa em casa, tinham uma "maleta" que aberta, mostrava ao interessado como ficariam suas fotos na moldura.





APARELHO PARA FOTO ESTEREOSCÓPICA
O aparelho para foto estereoscópica, de 1896, era um meio de diversão, vendo as fotos originárias da Europa e que, por serem duplicadas, davam uma imagem em terceira dimensão. O aparelho permitia ajustar o foco, movendo a foto para a frente ou para trás.



MOSTRUÁRIO DE FOTOS

A espingarda (schioppo), tanto era utilizada para a defesa, como para o lazer, para a caça. Na foto, Roque Tomasini com uma espingarda que ainda funciona, com detalhe na provável marca e gatilho.

RELIGIÃO

Na dura vida dos colonizadores, a religião foi a grande válvula de escape das frustrações e desilusões. Longe da sua terra natal e de suas estruturas sociais, restava a religião, representada pelas pequenas capelas, como local para buscar a esperança de dias

melhores. Junto a estas, sempre havia um salão paroquial onde a comunidade se reunia para suas festas.

As procissões tanto eram realizadas para comemorar datas festivas da igreja, como para pedir a Deus por chuva para salvar as colheitas.



MOLDE PARA HÓSTIA

Na fabricação de hóstias utilizava-se uma prensa.

LAMPARINA PARA PROCISSÃO

Nas procissões utilizavam-se lamparinas, suspensas por cabo de madeira, como as da foto lado.



O ADEUS

A despedida dos falecidos, quando possível, era feita com a fotografia do falecido, visando preservar sua imagem, numa época em que o fotógrafo era um personagem raro. Na foto à direita, o falecido Antonio Zanete, com os familiares ao lado do caixão, com suas melhores roupas e com as mulheres com roupas de luto fechado. Tal imagem reflete a cultura da época em relação aos falecidos - 14/10/1926, Montauri/RS.



FUNERAL DE AGRICULTORA

Na foto à esquerda, pode-se ver a realidade da época na colônia: roupas muito simples e grande quantidade de crianças, o que significava uma melhoria na alimentação, apesar das dificuldades naturais da época. Todavia, a pobreza ainda persistia, o que pode ser visto no aspecto das crianças e de algumas mulheres, que mesmo neste momento solene, não usavam calçados - Montauri/RS.

RETORNO ÀS ORIGENS

No reino animal muitas espécies, ao menos uma vez no seu ciclo de vida, migram de suas áreas de origem, vivem em outros lugares e voltam para, muitas vezes morrer no berço inicial. As aves, as borboletas, os salmões são exemplos. Porque com o homem seria diferente? No nosso íntimo sempre existe aquela curiosidade, de onde vim, como eram meus antepassados, como era a terra de meus tataravós, bisavós? As crescentes reuniões de famílias, seja qual for a nacionalidade, é prova desta vontade.

Poucos têm condições econômicas e culturais para tanto. Há vários anos tinha a tentação de visitar a terra em que Adamo Tomasini e seus familiares tiveram que deixar para poder sobreviver.

Lá chegando, foi difícil dominar a emoção de estar na localidade de Caoria, pertencente ao município de Canal San Bovo, pisando a terra que tiveram que abandonar em 1875. No meio dos Alpes Dolomíticos, entendi porque sempre gostei de áreas de montanha.

"A viagem dos emigrantes das suas aldeias até a estação de trem mais próxima era feita de carroça, de cavalo ou a pé. Dali até o porto de partida, viajava-se de trem, de forma relativamente segura e rápida, devido ao desenvolvimento da rede ferroviária de então. O grande problema seria o pagamento da passagem, cara para a época e para a família camponesa. Para muitos, essa era a primeira grande excursão fora do seu paese". CORTEZE, Dilse Piccin. *Ulisses va in America*. Passo Fundo: UPF, 2002, 186 p, p.174



Roque Tomasini, primeiro descendente do emigrante Adamo a retornar às origens, 139 anos depois - setembro de 2014.

A obtenção do "passaporto" italiano significa que este documento permite aos descendentes dos emigrantes tirolezes, como Adamo e Lucia Tomasini, retornar às suas origens, não como turistas, mas como cidadãos italianos descendentes dos que de lá, um dia, saíram em busca de um futuro melhor.



Em 17/09/2014, visitei a comuna do Canal San Bovo e a pequena localidade de Caoria, de onde partiram o emigrante Adamo Tomasini e sua família. Visitei o cartório local e a paróquia em busca de mais dados sobre a família Tomasini. Localidades tranquilas, que vivem praticamente do turismo, com pessoal simpático. Construções que lembram estilo austríaco, lembrando as origens austríacas da região. É comum encontrar letreiros com letras góticas.



Visitei um museu com utensílios utilizados no século passado, muitos praticamente iguais aos que constam nesta publicação. O que vem provar, que mesmo a milhares de quilômetros de sua terra natal, tentavam levar a vida com os mesmos hábitos e conhecimentos existentes em seu local de origem.

CANAL SAN BOVO

LOCALIDADE DE ONDE EMIGRARAM ADAMO E LUCIA TOMASINI



As imagens do Google permitem verificar a topografia montanhosa da localidade de San Bovo, origem de Adamo e Lucia Tomasini.

Segundo os documentos que serviram de base para a obtenção da cidadania, a localidade de CAORIA, distante 5 km da comuna de San Bovo, é a origem geográfica dentro da comuna.

A comuna do Canal San Bovo é uma pequena localidade

(125 km² e com 758 m de altitude) localizada na região do Trentino -Alto Edge, província de Trento. Tem 1.623 habitantes. Densidade habitacional de 13 habitantes por km².

Código Postal 38050. Prefixo telefônico 0439.

www.canalsanbovo.net

É possível passear pela cidade clicando no boneco amarelo da imagem do Google, que aciona o “street view”.



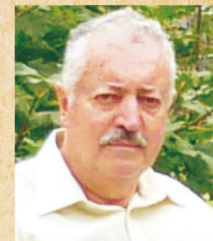
EDELWEISS



diversas são as lendas sobre a flor, uma delas, a mais conhecida, diz que a Edelweiss é um Símbolo do Amor, isso por que muitos rapazes escalavam os Alpes, arriscando a vida para colhê-la e presentear a amada.

Talvez, quem sabe, o tataravô Adamo tenha escalado uma montanha para levar para sua amada Lucia, uma linda flor Edelweiss. Quem duvida?





Roque G. Annes Tomasini, nascido em 13/04/1944, em Carazinho/RS. Aos cinco anos foi para Porto Alegre, onde realizou seus estudos, iniciando no Grupo Escolar Voluntários da Pátria, passando para o Ginásio Nossa Senhora dos Navegantes, em regime de semi-internato. Posteriormente, passou para o Colégio São Pedro. Foi um período em que a boa educação de entidades religiosas deixou marcas na sua formação educacional. A fase seguinte foi no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, onde sob a tutela de excelentes professores, construiu as bases finais para ingressar na Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da UFRGS, curso concluído em 1968. A seguir, ingressou no curso de mestrado em Economia Rural do Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas-IEPE da Faculdade de Agronomia da UFRGS. A vida profissional teve início, em 1971, em Brasília, no Escritório de Análises Econômicas e Políticas Agrícolas, que atuava na assessoria do Ministro da Agricultura, até 05/1975. Em 1975 iniciou suas atividades como pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo-CNPT da EMBRAPA, na área de economia, até sua aposentadoria em 2002.

Desempenhou atividades de ensino superior na UNB de 1973 a 75 e na UPF de 1977 a 2014, quando foi jubilado aos 70 anos.

Há 20 anos se dedica a atividades de turismo rural e preservação ambiental, no Refúgio Ecológico Colônia Paraíso, em Vila Maria/RS.

Em 2014 deu início as atividades de escritor, fora da área técnica de pesquisa na área agrícola, iniciando por esta publicação, que abrange um pequeno histórico familiar e concentra em como os emigrantes trentinos e seus descendentes fizeram para sobreviver no novo mundo.



Apoio cultural:



Prefeitura Municipal de Ilópolis

ISBN 978-858326180-3



9

788583

261803



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

